

SILVESTRE DE ENCOIRADOS

# TRECHOS E LENDAS DO CÁVADO



Separata do Boletim n.º 19  
do Grémio do Comércio do Concelho de Barcelos

1960



134.3-3Encoirac  
C





*Silvestre de Encoirados, é um novo cheio de qualidades que pacientemente vem recolhendo - contos e lendas — que correm pelos lugarejos das nossas aldeias, e que em estilo muito seu vem trazendo até nós.*

*Que continue a dar vida a esses «contarelhos» para que se não percam que o BOLETIM gostosamente os agasalhará.*

*Ao Mestre*

*Manuel de Boaventura*

*criador das Celânides.*



*Barceliana Perm.*





O Julho quente convida o majestoso Larouco a trocar o costumado manto de arminho, pela parda e rustica capucha, tecida de silvestres torgos.

Consentida a escalada pela encosta sul, encontrei a borbulhar na rocha um fio de prata.

Sedento, curvei-me reverente e beijei-o no berço.

Ainda regato, esperei-o a descer a serra e safei-lhe pintas trutas à remisga, deliciando-me com o espectáculo da folheca a salpicá-lo, como plumas, enganando as mais tontas.

Conservo ainda na retina um belo quadro emoldurado no único e singelo arco da velhinha e tosca ponte — primeira do seu curso.

O sol, antes de se esconder nas alturas, espelha nas suas frias e por vezes geladas águas, o baluarte fronteiroço da torre de menagem do castelo de Montalegre.

A mais rara paisagem que me foi dado admirar naquelas paragens despidas de beleza para um minhoto saudoso.

Segui-o, sinuoso e rápido, a fertilizar os lameiros fartos de feno, unico sustento, nos demorados nevões, do *lobido* da Terra Fria.

Visitei-o, sem vida, cativo com seus filhos na imensidão das albufeiras, inundando fertilíssimas veigas e pitorescas aldeias.

Abandonou, obrigado pelo homem, o leito, deixando a nu os precipícios dum belo horrível, cavados em milénios.

Apenas lágrimas saudosas escorrem, aqui e além, nas áridas e altas neiras ribes.

Represo, segue em condutas, accionando turbinas que produzem milhões de K. W. H.



Mas como é do Génesis, correr para o mar, sai por tuneis de descarga a ocupar o poetico leito.

No antigo Vau do Bico, ao juntar-se ao Homem, já se espraia tranquilo e espaçoso, banhando soberbo a Prado que se esconde simples e bela no seu casario vilório que os campos verdelinhos ajardinam até às margens risonhas.

É o Rio do Prado.

\* \* \*

Rio Grande, admiro-o sereno e dócil nas Baptistas, entre agras e



pinhais, esperando o Labrioste, mais as fontinhas que descem cantando nos rodizios dos moinhos do chumbo que vidrará o regional barro.

Temí-o, apertado na granítica garganta da Penida, ao saltar fogo a sua mais antiga barragem (Afurada) inundando nas grandes cheias o lendário areal de Gaide.

Desafiei-o, no verão, maneirinho e manso, a escorregar no pisqueirão, para redopiar traçoeiro no providencial Poço do Lago.



Espraiando-se em regatos, brinca por entre as poldras, mirando, qual D. Sapo, as pernas vermelhuscas das camponesas que saltam arreçadas pelos vaus.

Cansado dos folguedos no Lago encosta madraço às areias de S. Vicente a descansar no escuro pégo (Rio Negro) à sombra dos farfalhudos salgueiros do medieval Couto de Manhente.

Desfeita como é seu fado, a pitoresca curva, corre lesto a beijar as doiradas areias do vetusto Vilar. A barra da tradição que abrigou ufana as barcas romanas que curso abaixo até às Águas Celenas, abasteciam as naus com as riquezas arrecadadas na Bracara Augusta.

Os topónimos «Bouça da Barra e Porto de Martim», parecem indicá-lo.

Hoje, encora na açude a ouvir chorar o linho trilhado nos tambores do engenho que braços roliços de lavradeiras entregam em manada ao martírio, cantando alheias ao sofrimento.

*É um regalo na vida  
À beira da água morar;  
Quem tem sede vai beber,  
Quem tem calma vai nadar.*

Tranquilas, como em enorme tanque, as águas babujadas de arestas da linharice, convidam os ribeirinhos moços a desafiarem-se em travesias, instigados pelos olhares das mocinhas que de soslaio admiram os morenos apolos.

Ao lado, na grande azenha copeira construída em bem talhada esquadria a modos de corta mar — desafio às grandes cheias — o moleiro abana o quelho aproveitando a corrente.

Pelos entrelaçados amieiros, os pescadores, ao verde saltão ou barejeira mosca, tiram escalos nos remansos, barbos nos pélagos e bogas no cachão da açude.

Os encantos não terminam com o dia. Quando a noite surge, aproveitando a fusca luz do luar, coada na ramusca dos pinhais, surgem das duas bandas, como por encanto, soltando gritinhos abafados de pejo, as Cavadies a banharem-se voluptuosas nas águas de cristal.

Não é miragem, as beldades de que falo existem. São as ribeirinhas lavradeiras que em rancho, pela calada da noite quente do farto estio, lavam o pó da eira e afogam calores.



Das terrouças, por entre a frança do choroso salgueiro, os faunos miram desejosos as nuas e boleadas ancas que a espaços se encobrem, num pudor natural, pelas fartas e desfeitas tranças.

\* \* \*

Atravesso para a outra margem — não na lendária capa do frade santo, morador no sobranceiro convento, que a transformou milagrosamente em segura barca — mas cauteloso pelas lismosas pinguelas da açude.

Admiro, viçosa de milheirais, onde o gaio esfolha, a enorme e abundante «Quinta dos Frades» a extremar na foz do Vilar que a fertiliza.

Privilegiado local onde as aves cantam tais melodias que lembram a «Peregrina» e o pampirro ressalta tão dourado do violáceo da soagem, como ouro sobre azul.

Quem já possuiu o prazer de ouvir tal harmonia e a felicidade de se extasiar na formosa paisagem, não concebe lenda no encantamento, por tantos anos, do Frade e o Passarinho.

Avança, arteiro, para o Barco Ourado, hoje mal construída chata de passagem mista, onde na época se fisingam embodadas lampreias, fugidas à estacada, nos molhos adredes semeados no leito.

Ougo dos gordos sáveis e salmões que os antepassados caçavam nos engenhos.

Plácido e já Celano, passa vaidoso e demorado aos pés da filha mais nobre e bela — a sua princesa.

Dos seus encantos fala-nos uma lenda, mais velhinha que a própria Sé.

\* \* \*

No interior o estio abrasava.

Braga, a poderosa, aconselhada pelos oráculos, abandona os seus romances de ouro, a sua arte de fiandeira, a procurar amenidade e descanso nas areias da costa.

Acompanhada de seu séquito, desceu a Naia, retrocedeu um pouco a norte, seguindo viagem pela única via do tempo — o rio.

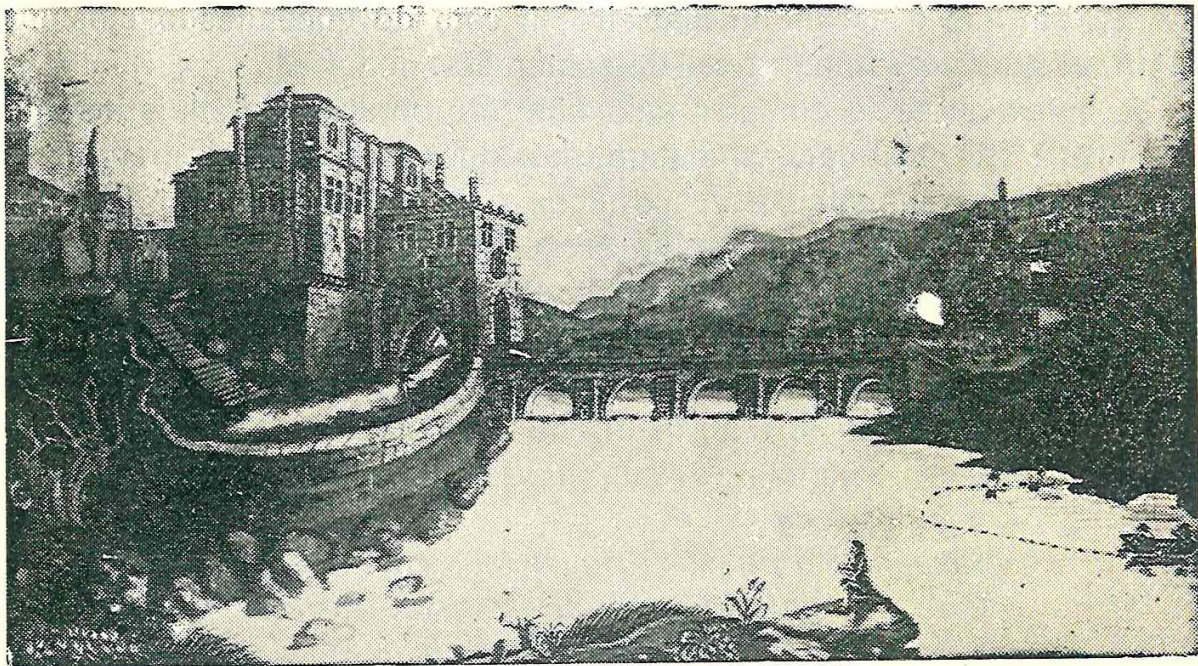
Cávado abaixo numa barca de proa de cisne, encastada a ouro, chegada a Mareces, começou a sentir o perfume inconfundível da maresia, os encantos da margem, pelo que mandou ancorar a luxuosa barca.



Acamparam e de tal modo este trecho do nosso rio a deslumbrou que se deteve enfeitiçada.

Entretanto, pela hora sesta, viu do seu canapé, construído de verdes ramos, onde descansava ao som da citara de prata, forte e formoso mancebo, deixar na outra banda o elmo e a coura, subir com desenvoltura ao mais alto e esguio amieiro e fazendo dum ramo prancha, saltar como um anjo nas cristalinas águas; para atravessar o rio, como qualquer salmão, estendendo-se ao sol na fina areia desta margem.

Braga sentiu-se, como as ninfas, presa do Narciso.



Convidou suas damas a soltar-lhe as onduladas tranças, fez bikini das meadas de ouro e mergulhou nas tépidas águas, desafiando o valente moço.

Este apercebendo-se da intenção, não se fez rogado, nadou ao seu encontro. Já próximo da ninfa, mergulhou, trazendo ao emergir um puro cristal nos lábios, não raro no leito do rio.

Aproximou-se e diz a lenda que foi o primeiro beijo entre o valente Barcelos e a poderosa Braga.

Receosa da ira de Celeno (desculpas de amor) não mais a bela se atreveu a prosseguir o caminho do mar.



Sucederam-se calmosos dias que os dois enamorados suavizavam nas doces águas em castos folguedos.

Uma tarde, o esbelto môço, já perdido de amores pela sedutora banhista, toma a vara e faz atracar a «barca celi» ao acampamento.

Senta-a na sua gôndola, adrede juncada, e lá vão rio acima, gozar o esplendor do sol-pôr.

\* \* \*

As tonalidades variam como em lago de palácio encantado, pintando o arco da velha.

O encarnado da corrente, contrasta com o verde remansoso das sombras, em que o escalinho matreiro, à cata do encandeado mosquito, põe centelhas prateadas na tona de esmeralda.

A barca deixa-se embalar pelo bater do coração dos dois amantes. Chegados à foz do Vilar, encostam seduzidos por sombria pergula formada de codeços e mimosas.

A seus pés, por entre a fulva areia — pepitas arrastadas do Airó e finas laminas de mica da Penida — a rara truta engasta, ao lavar, ametistas e jacintos.

Real visão dum tesouro encantado...

Ali tudo é poesia...

. . . . .  
*Suspende o passo ó rio, a teus rumores  
Que descansa o amor sobre estas flores.* (1)

Ouvindo o poeta o rio pára.

Tudo é silêncio...

Só a rôla inocentinha, geme no tosco ninho, suas canções de embalar.

Tudo é amor ..

Acasalados pelos esguios carvalhos, muito ternos e discretos, os pombinhos trocam arrulhos, despertam paixões.

Esquecidos do tempo, continuam enlevados.

A lua vem banhar-se no lago de prata, lembrando aos namorados que a noite chegou para os acorrentar à sua sinfonia.

---

(1) Do poema de Simão Vaz de Camões «Ave Peregrina», Canto II, estrofe XXX.



A natureza contrata a sua orquestra para a grande serenata.

Na margem, pelos valados e silvedos, prepara o palco para o grande concerto, velando-o de ramos de mimosas, matizados pela dourada flor da giesta — o solista é tímido.

Sobe o estrado (tremulante raminho do sinceiral) canoro rouxinol. Começa de ensaiar requiebrós em honra da sua amada Filomela que acoorada no ninho, entalado na galha do salgueiro, afaga os estremecidos filhinhos.

Julgando-se a sós com o setestreló, solta em desafio trinados de maravilhar.

A dulcíssima Braga ouve encantada as árias ardentes, reclinada no ombro forte do namorado.

O virtuoso do flautim, inicia suave a princípio, melodiosa e prolongada depois, uma canção de embalar.

Já varados pelas setas de Cupido, caem nos braços de Morfeu.

O exímio cantor continua sempre, escondido pelos arbustos mais densos e só interrompe ou foge ao sentir aplausos...

Ela mais polida sonha:

— Criados os filhinhos, emigras a extasiar outros amantes...

Como a natureza é generosa!...

Ele mais rude e crendeiro dos absurdos do povo, já o não ouve e lamenta e crê que de esfalfado caiu morto a cantar.

Saudade...

O poeta faz-se ouvir:

. . . . .  
*Da ave amorosa no cantar sentido,*  
. . . . .  
*Sentem, porque até nestes é forçoso,*  
. . . . .  
*Saudade as feras, os penhascos mágua. <sup>(1)</sup>*

O sol nascente, sempre o denunciador dos amantes, desperta-os de tão belos sonhos.

Fitam-se, não têm palavras, só os olhos falam... os dela baixam envergonhados. Ruborizam-se-lhe as faces, ao recordar que já foi candida,

---

(1) Do poema de Simão Vaz de Camões «*Ave Peregrina*», Canto I, estrofe XVI.



para de seguida orvalhar, quando à deriva já desciam o rio, as flores da margem do nectar fino mas amargo das suas lágrimas.

Barcelos, apaixonado, enxuga aquele pranto com promessas de amor...

\* \* \*

O outono fresco obriga-a a regressar.

A comitiva segue, rio acima, a caminho da Penida.

No outeiro sobranceiro ao rio, um môço cavaleiro correspondia a um adeus que branco lenço, ensopado de pérolas, acenava da barca.

As luas passam e... a amizade também...



Da parte de Braga vem uma mensageira lembrar ao ingrato namorado, suas juras de amor.

Conta o povo que Barcelos era vadio (nos seus amores) e não se comoveu às lágrimas da amante que embaraçada... esperava o fruto dum amor de verão...

Não mais se encontraram e o pimpolho, graças a Lucina, nasceu belo como a mãe e as margens do rio que a enfeitiçou, recebendo, segundo os assentos, o nome do Pai.

Diz ainda a lenda que um dia, já livre da tutela de Estatano, porque



lhe corria nas veias sangue ribeirinho, fugiu aos mimos maternos a procurar as terras encantadoras do progenitor, eternizando-se na margem esquerda, sempre pequenino, gracioso e bairrista — BARCELINHOS.

\* \* \*

A beleza não se perde com a aproximação do fim.

Fabulosas bandas do Marachão do Abade!...

E num último extase queda enfeitiçado na parasidiaca Barca do Lago.

Imagino as Celânides, buriladas pela pena maravilhosa do Mestre, a emergir do pélagos — «*onde guardam encantado talismã de esmeraldas que dá a suprema felicidade do amor e o sentimento altíssimo da poesia*»...

São ninfas que deleitam o espírito e habitam um divino Celano. Perdoe o materialismo.

As minhas [conterrâneas] Cavadides, mais rudes, mas tão belas como mitológicas deusas — encantadoras mortais, palpáveis mas esquivas — despertam apetites e criam felizes sonhos de amor.

São mourisquinhas moçoilas que deleitam os sentidos e moram nas rústicas bandas do namoradeiro Cávado.

Divaguei...

Agora reparo!

O fiozinho de água gelada que bebi ao nascer, o piscoso e merujo regato do monte alegre, o Prado soberbo e espaçoso, o rústico e fogoso Cávado, o sereno e divino Celano, transformou-se no arrogante Zende (da saborosa lenda ao desafio com os filólogos) que aproveita a maré, esquecendo ingrato a que foi grande e próspera cidade, quiçá... a sua madrinha.

Mas a imensidão oceânica, embora suave, diz-lhe num bramido: — És pó, ó Zende!...

. . . . .  
*Porém bramou o mar, e a ninfa pura,  
Embargos lhe deitou, que esposo a jura.* <sup>(1)</sup>

Telo-rio, Setembro de 1960.

S. de E.

---

1) Do poema de Simão Vaz de Câmões «*Ave Peregrina*», Canto I, estrofe XVII.





Composto e impresso na  
TIP. «LIZ» — BARCELOS



MUNICIPIO DE BARCELONA  
BIBLIOTECA



biblioteca  
municipal  
barcelos



6459

Trechos e lendas do Cávado